

# A NOVA CONFIGURAÇÃO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNICATÓLICA

Eliane Clares Barbosa<sup>1</sup>; Carlos Eduardo Menezes Amaral<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.  
E-mail: liaclares@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.  
E-mail: carlosamaral@unicatolicaquixada.edu.br

## RESUMO

Existe a necessidade de que os cursos de graduação firmem um sério compromisso com a formação dos seus discentes, investindo em um desenvolvimento profissional comprometido com o social. Considerando esse contexto, e voltando-se exclusivamente aos cursos de psicologia, torna-se fundamental a existência de disciplinas práticas em tais graduações. Dentre as disciplinas práticas do curso de psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA) estão as Práticas Integrativas (PI), que há dois anos tiveram sua configuração modificada. O objetivo deste trabalho, portanto, foi realizar uma reflexão acerca do processo de mudança no formato das disciplinas PI, analisando os benefícios e limitações advindos de tal transformação. Este estudo foi desenvolvido como requisito para conclusão da monitoria no Programa de Monitoria Acadêmica (PROMAC) da UNICATÓLICA. Trata-se de um relato de experiência, onde também foram realizadas entrevistas informais com quatro discentes do curso de psicologia. A partir disso foi evidenciado que o novo modelo adotado apresenta benefícios importantes à formação dos alunos, como a estimulação, desde o início do curso, de um pensamento crítico. No entanto, também se mostram algumas limitações como a falta de um contato mais específico e duradouro com o campo para o qual os alunos decidem direcionar suas ações, visto que não é uma exigência da disciplina. Por fim, na vivência da autora enquanto monitora acadêmica elenca-se as contribuições à sua formação profissional como, por exemplo, o contato com diversos temas da psicologia, sendo também beneficiada em sua dimensão pessoal, podendo contribuir para o processo de formação de outros discentes.

**Palavras-chave:** Monitoria Acadêmica. Psicologia. Práticas.

## INTRODUÇÃO

Autores como Lisboa e Barbosa (2009) realizam uma reflexão acerca da necessidade da existência de debates sobre a formação em psicologia, uma vez que esta sofreu uma grande expansão nas últimas décadas. Assim, passou a ser ofertada por muitas instituições, principalmente em cidades interioranas. Tendo isso em vista, emerge a preocupação e a necessidade de verificar a proposta dessas inúmeras instituições quando se fala na formação em psicologia.

É necessário que tais cursos firmem um compromisso com a formação do discente e, conseqüentemente, com a sociedade que receberá seus serviços. No entanto, observa-se, em grande parte das vezes, a existência de uma lacuna entre o conteúdo que é apreendido em sala de aula e a realidade vivenciada fora dos muros da academia, o que reflete déficits no modo como a formação desses profissionais é conduzida (WITTER; FERREIRA, 2005).

Considerando este contexto e, de acordo com Figueiredo (1996), a inexistência de um currículo ideal, torna-se fundamental a existência de disciplinas práticas em tais graduações, para que possam aproximar teoria e prática, oferecendo ao aluno conhecimentos tangíveis acerca da realidade da sua profissão, com a finalidade de prepará-lo e aperfeiçoá-lo para o desempenho desta (PEREIRA et. al, 2008).

Pitombeira e colaboradores (2016) pontuam que mesmo a observação do cenário, desvinculada de uma intervenção propriamente dita, possibilita ao discente a identificação de desafios relacionados à sua prática e, a partir disso, à construção de saberes que atendam às demandas existentes.

Dito isto, considera-se que no momento em que os alunos passam a vivenciar situações práticas nas quais precisam atuar e intervir de algum modo, são convocados a uma atividade que não deve apenas estar vinculada a uma disciplina específica do curso. Devem estar aptos a articular os diversos conhecimentos apreendidos e construídos, com a pretensão de realizar uma intervenção adequada e coerente com as

necessidades apresentadas (CURY; NETO, 2014).

Dentre as disciplinas práticas do curso de psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA) estão as Práticas Integrativas (PI). Elas se fazem presentes na grade curricular do primeiro ao oitavo semestre do curso, com exceção dos dois últimos períodos – nono e décimo – onde são substituídas pelos estágios profissionalizantes. São nomeadas de acordo com o semestre: PI I, PI II e assim por diante.

Destaca-se que essas disciplinas, há dois anos, tiveram sua configuração modificada. Mudança esta que, inicialmente, gerou desconforto e suscitou dúvidas em alguns alunos, mas que auxiliou na construção de novas concepções acerca da importância das disciplinas práticas no curso.

Isto posto, este trabalho teve como objetivos realizar uma reflexão acerca do processo de mudança no formato das disciplinas PI, apresentar a antiga e a nova configuração, bem como analisar os benefícios e limitações advindos de tal transformação.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho foi desenvolvido como requisito para conclusão da monitoria no Programa de Monitoria Acadêmica (PROMAC), categoria voluntária, do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA). A disciplina acompanhada pela monitora, no período de 25 de janeiro de 2018 a 15 de dezembro de 2018, foi Práticas Integrativas III, disciplina obrigatória do terceiro semestre do curso de psicologia da UNICATÓLICA.

Para tanto, este é um trabalho descritivo que se enquadra na categoria relato de experiência. Para a sua realização buscou-se na literatura estudos que abordassem a importância de disciplinas práticas na grade dos cursos de graduação, contribuindo para formação acadêmica dos seus discentes, bem como a relevância da monitoria acadêmica.

A partir disso, a autora pode estabelecer conexões com a sua prática enquanto aluna do curso e também como monitora da disciplina. Evidencia-se que, também, foram realizadas quatro entrevistas informais com discentes do curso de psicologia, onde se utilizou o seguinte critério: um aluno que vivenciou apenas a configuração anterior da disciplina, dois que vivenciaram a transição de formato e um egresso atuante na profissão que, também vivenciou os dois modelos, com ênfase no formato anterior.

O contato com os alunos se deu pessoalmente e através do telefone. As perguntas direcionadas aos participantes tiveram como intuito compreender como se deu o processo de transição para aqueles que o vivenciaram, como o modelo atual é percebido por quem não teve aproximação com o antigo, bem como saber quais as implicações das duas configurações para quem pode vivenciá-las e agora está no mercado de trabalho, no caso da egressa entrevistada.

Para tanto, considerando todas as fontes de dados chegou-se a uma reflexão acerca dos benefícios e limitações advindos da nova configuração da disciplina Práticas Integrativas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **O QUE SÃO AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS**

As Práticas Integrativas (PI) são disciplinas obrigatórias do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA) e estão presentes na grade curricular do primeiro ao oitavo semestre da graduação.

Desse modo, constata-se que essas disciplinas possuem a pretensão de favorecer o contato dos discentes com a realidade da profissão que escolheram desde a sua entrada no curso, proporcionando um diálogo entre o que é vivenciado no campo pelos profissionais e o que é apreendido em sala de aula. Para tanto, as PI têm como objetivos aproximar os alunos das áreas de atuação do psicólogo e discutir e problematizar aspectos da prática profissional à luz de referenciais teóricos. São disciplinas que contam com o auxílio de monitores acadêmicos.

Ressalta-se, então, a relevância que essas disciplinas apresentam para a formação dos discentes, uma vez que estes têm a oportunidade de serem inseridos e observar como se dá a atuação profissional no seu contexto de imersão, permitindo que se reflita sobre algumas disparidades que são encontradas entre a realidade da atuação e o exposto pelas literaturas (WITTER; FERREIRA, 2005).

## FORMATO ANTERIOR

Com a mudança do Plano Pedagógico do Curso (PPC) em 2012, a disciplina PI foi integrada a grade curricular do curso. Desde então, foram adotadas algumas versões na sua condução. No entanto, aqui será descrito apenas o modelo anterior ao atual. Este era realizada em grupos de até cinco pessoas e oportunizava ao aluno o seu contato com as práticas da psicologia a partir da sua inserção em uma instituição – por exemplo escolas, Centros de Referência em Assistência Social (CRAS), Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e outros cenários.

Do primeiro ao quinto semestre do curso as PI eram destinadas à observação das intervenções psicológicas e, também, diálogos estabelecidos com o profissional responsável na instituição – psicólogo – e com o professor da disciplina. Do sexto ao oitavo semestre os alunos tinham a oportunidade de identificar uma problemática dentro da instituição e desenvolver ações interventivas.

As PI, normalmente, eram vinculadas a uma disciplina previamente estabelecida do semestre, o que oferecia ao aluno um suporte maior em relação ao seu desenvolvimento nesta. Desse modo o professor das PI era sempre o docente da disciplina teórica escolhida. Destaca-se: no primeiro semestre se encontrava vinculada à cadeira Psicologia, Ciência e Profissão; no segundo à Processos Psicológicos Básicos; no terceiro à Desenvolvimento da Criança; no quarto à Ética e Psicologia; no quinto à Psicologia Social; no sexto à Psicologia da Educação e Políticas Públicas; no sétimo à Psicologia da Saúde e no oitavo à Psicologia da Saúde e Políticas Públicas.

Desse modo, percebe-se que as práticas desenvolvidas procuravam contemplar um grande número de áreas, agregando conhecimentos práticos e teóricos aos discentes desde o início do curso. Ressalta-se, também, que era necessário para o desenvolvimento e conclusão das PI, que a equipe realizasse um determinado número de visitas à instituição para conhecimento da sua estrutura física, recursos humanos, atividades desenvolvidas, públicos beneficiados, para então poder realizar uma reflexão acerca da atuação da psicologia naquele contexto. Ao encerramento da disciplina os alunos deveriam entregar um relatório com a experiência de todo o semestre, contendo ainda uma análise da situação vivenciada de acordo com a literatura científica.

Destaca-se que a existência de um monitor para a disciplina também era importante no sentido de articular o acesso das equipes às instituições, visto que isso era inviável aos professores, na maioria das vezes, sendo que em alguns casos os próprios grupos eram responsáveis por este contato.

Esse formato, por sua vez, além de trazer muitos benefícios aos discentes, enriquecendo às suas práticas, também exigia desses um elevado grau de compromisso, uma vez que passavam a estar inseridos em instituições da rede pública e privada e levavam a esses espaços a imagem da faculdade. Além de ser uma situação onde deveriam se portar como profissionais em formação. No entanto, isso muitas vezes era descumprido pelos estudantes de modo que algumas instituições começaram a recusar as equipes, o que passou a dificultar o desenvolvimento do trabalho e a própria imagem do curso de psicologia. A partir desta realidade o corpo colegiado começou a pensar em mudanças a serem implementadas nas disciplinas PI.

## FORMATO ATUAL

Considerando às questões evidenciadas no tópico anterior, uma nova configuração foi pensada para a disciplina Práticas Integrativas (PI), a qual foi colocada em prática no semestre 2016/2. Escolheu-se, então, um docente para coordenar as PI, o qual também recebeu a incumbência de articular a comunicação entre os alunos e às instituições na tentativa de contornar os limites estabelecidos em outro momento.

Uma das mudanças foi a quantidade de alunos nos grupos que foi reduzida a no máximo três pessoas. Outras exigências foram colocadas. A partir desse momento, a escolha dos temas a serem trabalhados também sofreu influências, pois deixaram de ser atrelados à uma disciplina específica do semestre, previamente estabelecida. Desse modo, atualmente, os alunos precisam selecionar uma área de atuação da psicologia e depois escolher uma temática, onde possam articular no mínimo duas disciplinas e um tema transversal do semestre. Como benefício passaram a poder contar com o apoio, além do professor de PI e do monitor, de um professor de referência na área escolhida.

A entrega do Relatório ao final da disciplina foi substituída pelo desenvolvimento de um Projeto de Intervenção. Desse modo, os alunos ainda deveriam visitar uma instituição, mas não apenas realizar observações. Teriam que atentar a uma problemática no local, relacionada ao papel do psicólogo, e idealizar ações interventivas para o problema. Entretanto, sem a necessidade de colocar o projeto em prática.

Destaca-se que a realização do projeto de intervenção foi instituída apenas do terceiro ao oitavo

semestre do curso. Ao primeiro e segundo, isso foi colocado como opcional, cabendo a eles realizar uma entrevista como um profissional psicólogo no campo de atuação escolhido.

Paralelo a isso, durante o semestre, os alunos – do primeiro ao oitavo período – ganharam outras responsabilidades, pois passou a ser solicitado, como parte da disciplina, que participassem de rodas de conversa, palestras e visitas guiadas por um profissional da psicologia, ofertadas pela UNICATÓLICA, que pudessem ser relacionadas à sua temática. Por fim, como parte última da nota, foi criado ao findar de cada semestre um evento, denominado Mostra de Práticas Integrativas de Psicologia, no qual os alunos apresentam seus projetos de intervenção, que são avaliados por professores e egressos do curso e também por discentes de outras áreas.

Essas transformações não foram totalmente bem recebidas pelo corpo discente, gerando alguns questionamentos, por exemplo, sobre os horários de realização das rodas de conversa e palestras, que seriam no turno da tarde para não prejudicar o desenvolvimento das aulas, que são ofertadas durante a noite. Aparentemente esta seria uma boa escolha, mas uma considerável parte dos alunos de psicologia não reside em Quixadá e trabalham em suas cidades, além de dependerem de transporte público, chegando na faculdade apenas para o início da aula. Felizmente, com o tempo, essas questões foram solucionadas.

Como 2016.2 foi dedicado à experimentação desse novo formato algumas coisas foram implementadas como, por exemplo, a mudança de coordenação das PI, o que contribuiu demasiadamente para o desempenho dos alunos na disciplina. A exigência da presença dos alunos em instituições também não se manteve, pois acabou sendo substituída completamente pelas visitas guiadas, realizadas tanto em Quixadá e cidades circunvizinhas como em Fortaleza.

Em 2018.1 passou a ser solicitado dos alunos, como complementação de nota, a participação e redação de relatórios sobre os trabalhos que são apresentados na Mostra de Psicologia do SPA, evento voltado à partilha de experiências dos estágios profissionalizantes do nono e décimo semestres.

## UMA REFLEXÃO SOBRE OS BENEFÍCIOS E AS LIMITAÇÕES DA NOVA CONFIGURAÇÃO DA DISCIPLINA PRÁTICAS INTEGRATIVAS (PI)

A partir da experiência vivenciada pela autora enquanto aluna das disciplinas de Práticas Integrativas e enquanto monitora da mesma disciplina do terceiro semestre do curso no período de um ano, bem como através das entrevistas informais realizadas com quatro discentes do curso, pode-se pontuar as melhorias trazidas com o novo formato de desenvolvimento da disciplina e também limitações que possam advir desta nova configuração.

Desse modo, é natural que todo processo de mudança gere algum tipo de receio e suscite questionamentos, mesmo com a possibilidade de que existam benefícios, os quais inicialmente serão destacados. O primeiro ponto que pode ser evidenciado como positivo nessa alteração é que os alunos são colocados para pensar em soluções e traçar um plano de ação para um determinado problema.

As práticas anteriores, por exemplo, não permitiam ou permitiam de modo muito restrito, que os alunos pudessem refletir de forma mais profunda sobre o fazer psicológico no que se refere à busca de estratégias para atender possíveis demandas existentes. Nesta nova etapa percebe-se uma maior cobrança aos alunos desde o início do curso, o que pode refletir positivamente em seu aperfeiçoamento enquanto futuros profissionais, sendo que os projetos desenvolvidos possuem sua relevância social e instiga o pensamento crítico e criativo dos alunos, aspecto fundamental de toda e qualquer formação (AZEVEDO; MURARO, 2013).

Destaca-se como aspecto assertivo, também, a inclusão de diferentes formas de contato com a profissão, como as rodas de conversa e palestras, que são conduzidas por profissionais que atuam na área e relatam suas experiências em campo, o que se revela novo e fundamental para a aprendizagem (BARBOSA; LAURENTI; SILVA, 2013), por exemplo, para estudantes dos semestres iniciais. Se no período da implantação deste modelo surgiram questionamentos quanto aos horários de oferta desses momentos, atualmente essa questão foi resolvida e as rodas de conversa, por exemplo, são realizadas no horário das aulas da disciplina Práticas Integrativas, algo apontado como positivo.

As visitas guiadas, por sua vez, que são realizadas a diversas áreas de atuação da psicologia também são pontuadas como positivas, uma vez que os discentes podem conhecer novos contextos da prática psicológica. E cada atividade dessa é pensada especificamente para um semestre, procurando estabelecer uma conexão com o que é visto durante o semestre. No entanto, isso não restringe aos demais períodos que participem.

O compromisso que alguns professores mantêm com a disciplina também é evidenciado como aspecto eficaz, uma vez que os alunos se sentem encorajado e têm seu projeto valorizado quando se incentiva que este seja colocado em prática junto a uma instituição, onde torna-se possível um contato tangível com determinada realidade. Destaca-se que a coordenação da disciplina tem um papel significativo nesta condução, com sua organização e apoio disponibilizado durante todo o processo.

Salienta-se, ainda, que ao final de cada semestre é realizada com as turmas uma avaliação acerca da disciplina, na qual há espaço para que os alunos façam críticas e sugestões. Há relatos de que pontos colocados são atendidos com facilidade e rapidez como, por exemplo, uma crítica realizada sugerindo que os avaliadores do projeto final tivessem formação ou experiência na área contemplada pelo trabalho. Assim, facilita-se o processo de avaliação e desenvolvimento do grupo, uma vez que o examinador pode contribuir através das suas vivências e tem domínio sobre o assunto.

Dessa maneira se reafirma a importância de tal disciplina que pode possibilitar aos discentes o primeiro contato enquanto acadêmicos com a realidade da prática profissional. Isto, por sua vez, favorece o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à execução das suas atividades, visto que eles são colocados em uma posição que precisam pensar o que seria melhor para determinada situação (AZEVEDO; MURARO, 2013).

Considerando, também, como natural a existência de limites no desenvolvimento de muitas atividades, em relação à modificação do formato da disciplina PI, alguns pontos podem ser destacados como limitações.

Inicialmente coloca-se que é importante perceber que a não vinculação a um campo específico ou previamente determinado, como antes acontecia, pode levar os alunos a escolherem áreas de atuação nas quais se sintam confortáveis, porque já estabeleceram um contato em outro momento. Acredita-se que isso pode limitar o contato com outras áreas que são essenciais à formação do psicólogo. Essa preferência por campos já visitados foi verificada na experiência de monitoria e também em conversas informais com alunos de demais semestres.

De fato, se reconhece que isso pode se dar por causa da afinidade com determinada área depois de já ter vivenciado tantas outras, mas não exclui a possibilidade de tal preferência se dar também pela falta de conhecimento das demais. E se isso acontece, o estudante perde a oportunidade de participar de um maior número de experiências e o seu desenvolvimento acadêmico pode ser em alguma medida prejudicado.

Em relação a não necessidade de pôr o projeto de intervenção em prática foi colocado por um discente entrevistado que esta metodologia poderia ser modificada, pois, às vezes, se quer aplicar o plano de ação, mas não se tem tempo para isso, uma vez que o semestre envolve inúmeras atividades e pouco tempo após se terminar um projeto é necessário delinear outro. Neste caso, a sugestão seria de que em um semestre o projeto fosse desenvolvido e no outro aplicado.

Cita-se como algo que pode ser melhorado a existência de muitos grupos, uma vez os alunos são organizados em trios. Desse modo, é dificultada, por exemplo, uma maior assistência por parte de alguns docentes, o que poderia se tornar viável com um número menor de equipes. Em contraponto, coloca-se que essa decisão foi tomada na tentativa de que os alunos se envolvam cada vez mais com as atividades, visto que em equipes maiores é comum que isso não aconteça de forma igual para todos.

Por fim, aponta-se que como não é solicitado dos discentes que eles entrem em contato com as instituições com as quais pretendem trabalhar, realizando apenas uma visita guiada, que pode não necessariamente se relacionar ao projeto da equipe, a aproximação com o contexto de ação do psicólogo pode ser prejudicada.

Embora existam grupos que tenham a preocupação de visitar o campo e dialogar com os profissionais ali presentes, há aqueles que não praticam isso e desenvolvem o trabalho apenas com base naquilo disponível na literatura e é justamente nesse ponto que se encontra uma lacuna entre teoria e prática (WITTER; FERREIRA, 2005).

## CONCLUSÕES

Através da experiência de monitoria acredita-se que, uma vez que o monitor também é aluno, ele consiga visualizar facilmente aqueles discentes que necessitam de uma maior atenção no processo de ensino-aprendizagem, o que foi evidenciado nos momentos de orientação para o desenvolvimento do projeto de intervenção. Por outro lado, também, é perceptível que nem todos os alunos recorrem à monitoria, principalmente no início do semestre.

Dessa maneira, evidencia-se que o novo modelo adotado apresenta benefícios importantes à formação

dos alunos, como instigar que eles, desde o início do curso, pensem criticamente para propor soluções a determinadas demandas e conheçam áreas importantes de atuação da psicologia através de visitas guiadas.

No entanto, também se mostram algumas limitações como a falta de um contato mais específico e duradouro com o campo para o qual estão desenvolvendo o plano de ação, visto que não é uma exigência da disciplina, e a possível acomodação das equipes em áreas da psicologia com as quais se sentem mais à vontade para trabalhar. Para tanto, salienta-se, que este último ponto pode ser trabalhado com os alunos tanto pelos professores como monitores, na tentativa de ampliar as possibilidades de escolha dos discentes.

Em relação à vivência da monitoria, nessa nova configuração há uma modificação no desenvolvimento de tal trabalho, uma vez que este passa a ser basicamente orientar o desenvolvimento dos projetos de intervenção. Nessa experiência, pontua-se a necessidade e oportunidade de ler sobre diversos temas e áreas para a realização das orientações adequadas às equipes que solicitam, a reflexão acerca de problemáticas existentes e possíveis formas de solução, que influenciam positivamente na formação acadêmica do monitor, bem como existem contribuições à sua dimensão pessoal como segurança para estar à frente de outras pessoas e a satisfação em poder contribuir para a formação de outros discentes.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. S.; MURARO, D. A educação superior e a formação do pensamento crítico. In: JORNADE DE DIDÁTICA E SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CEMAD, 2., 2013, Londrina. **Anais...** Londrina, 2011, p. 476-480.
- BARBOSA, F. D.; LAURENTI, M. A.; SILVA, M. M. Significados do estágio em psicologia clínica: percepções do aluno. **Encontro**. São Paulo, v. 16, n. 25, 2013.
- CURY, B. de M.; NETO, J. L. F. Do currículo mínimo às diretrizes curriculares: os estágios na formação do psicólogo. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 494-512, 2014.
- FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. Ed. 4. São Paulo: Vozes, 1996.
- LISBOA, F. C.; BARBOSA, A. J. C. Formação em psicologia: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia: Ciência e Profissão**. V. 29, n. 4, p. 718-737, 2009.
- PEREIRA, et. al. A importância das aulas práticas no processo de ensino-aprendizagem na graduação, direcionado para ciências biológicas. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 12., 2008, Paraíba. **Anais...** Paraíba, 2008, p.1-3.
- PITOMBEIRA, D. F.; BARROSO, R. E. C.; XAVIER, A. S. OLIVEIRA, P. R. de. S. Psicologia e a formação para a saúde: experiências formativas e transformações curriculares em debate. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Fortaleza, v. 36, n. 2, p. 280-291, 2016.
- WITTER, G. P.; FERREIRA, A. A. Formação do psicólogo hoje. In: Conselho Federal de Psicologia. **Psicólogo brasileiro**: construção de novos espaços. São Paulo: Alínea, p. 15-39, 2005.